

O andarilho do bairro do PEIXOTO

O delegado Espinosa, protagonista dos romances de Luiz Alfredo Garcia-Roza, vive suas aventuras nesse enclave de Copacabana

Por José Godoy

Copacabana mais parece um treino fonético. Uma brincadeira que se faz com os miúdos. Um junta-sílabas, com sua legião graciosa de letras “a”. A surpresa fica pro final. Os fonemas reunidos dão forma a um sorriso banguela, uma praia que lembra uma meia lua. Ou, em uma das acepções do termo no idioma quíchua, um lugar luminoso.

Uma luz natural, responsável nas primeiras horas do dia, quando o sol surge no Posto 6, por um dos mais belos espetáculos da cidade. Pintando as águas de um branco brilhante bem junto ao Forte de Copacabana, a fortificação construída no começo do século XX no lugar de uma das primeiras edificações do bairro, a pequena igreja de Nossa Senhora de Copacabana.

À noite, a luz urbana, amarela, da Avenida Atlântica, é outra história. Assunto dos homens. Do bairro homônimo, densamente ocupado, que pulsa sem cessar. Um bairro que demorou a se popularizar, afastado até o início do século XX, do centro histórico da cidade. Mas que como poucos aglomerados urbanos frequenta o imaginário de homens e mulheres de todo mundo década após década.

O que se conta – a narrativa escrita diariamente nas suas ruas – surge asfisiado pelo peso de suas galerias e prédios interligados. Pulsa febril no som violento dos ônibus, respira desarticuladamente no passo lento dos

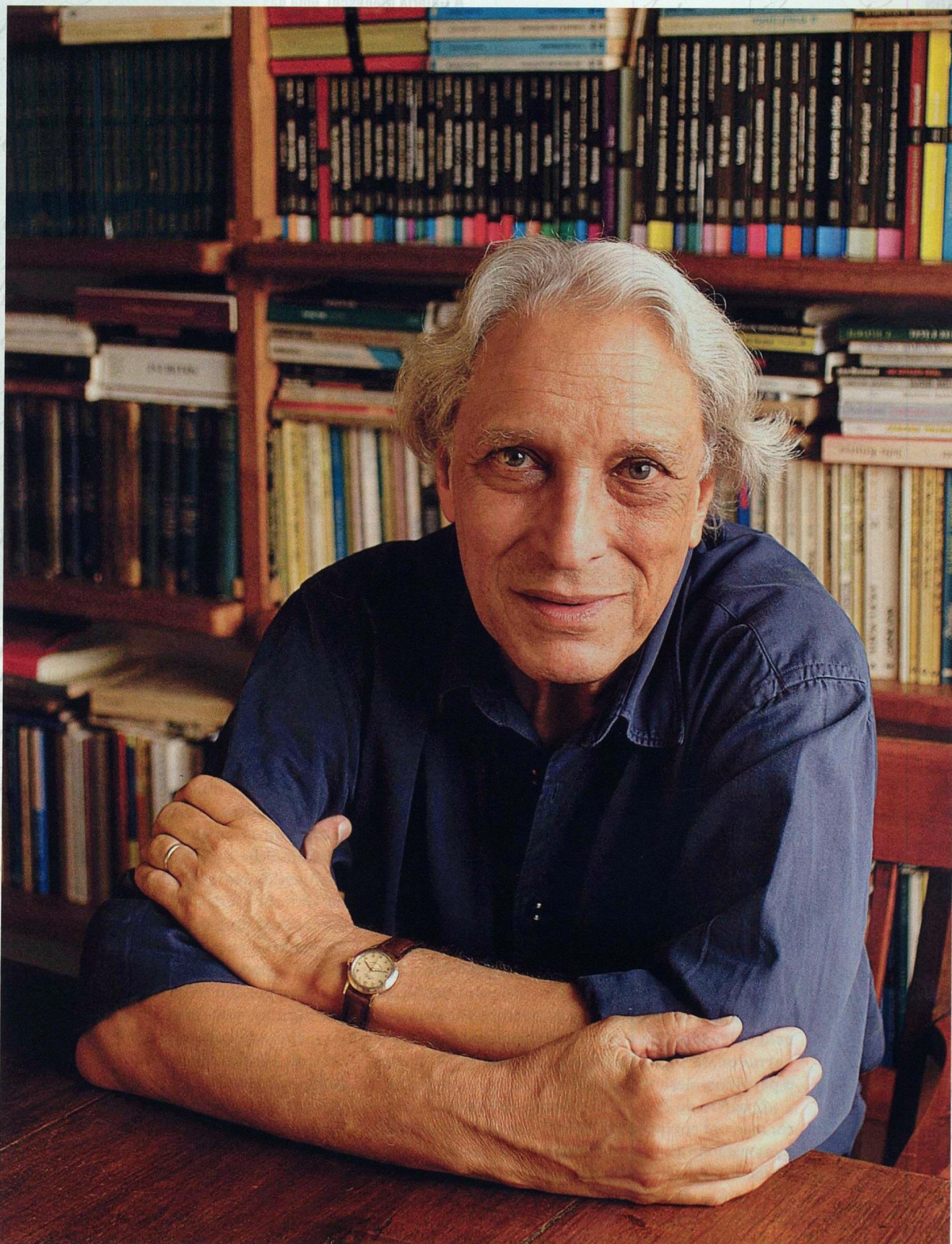
idosos. Uma imagem bíblica – imagine a torre de Babel, a arca de Noé – em que se espremam numa mesma faixa de terra todas as etnias, todos os estratos sociais, todas as preferências sexuais, todos os reflexos e comportamentos que ajudam a definir o homem como um bicho social.

É esse o lugar das aventuras do delegado Espinosa na cidade. O policial com nome de filósofo, protagonista dos romances de Luiz Alfredo Garcia-Roza, que tem por lugar esse bairro com pouco mais de 4 km² e mais de 150 mil moradores. Que deverá facilitar em muito os estudos antropológicos daqui a mil anos. Uma experiência humana ampliada pela lente de um telescópio.

Na Copacabana de Espinosa é o *bas-fond* que faz as tramas girarem, com seus policiais, meninos de rua e garotas de programa. Protagonistas a contracenar diariamente com a cidade que os acolhe. Pistas anotadas na caderneta do delegado que assiste suas tramas e aventuras como um voyeur.

Lotado na 12ª DP, no coração do bairro – mais especificamente na Rua Hilário de Gouveia, na esquina da Barata Ribeiro – Espinosa faz o trajeto entre sua casa, na cidadela medieval chamada bairro do Peixoto, e a delegacia a pé. E como todo andarilho seu olhar capta a pequena vida cotidiana do bairro, os logradouros que os guias de turismo não conhecem. As entranhas da cidade.

Repetir suas andanças mais se parece uma reconsti-



Na Copacabana de Espinosa é o *bas-fond* que faz as tramas girarem, com seus policiais, meninos de rua e garotas de programa. Protagonistas a contracenar diariamente com a cidade que os acolhe

Escritores

A Galeria Menescal, uma das primeiras galerias comerciais do país, onde o personagem de Garcia-Rosa se abastece de quibes e esfirras



A praça no coração do bairro do Peixoto, onde mora o delegado Espinosa, cenário de sua infância e dos heterodoxos encontros marcados pelo delegado

tuição como as que habitam a obra de Garcia-Rosa. Mas como evitá-la diante de tão atraentes descrições? Como não participar virtualmente de seu roteiro de ruas que se espreme atrás da Avenida Atlântica? Ou não seguir atento pela orla delimitada por dois fortes: o de Copacabana no Posto 6, o Duque de Caxias, no extremo oposto, já no Leme, onde a praia principia?

Espinosa pode ser encontrado em seu apartamento no bairro do Peixoto, num imóvel herdado dos pais. Ou na praça defronte ao edifício, cenário de sua infância e dos heterodoxos encontros marcados pelo delegado. Um canto peculiar da cidade, que o narrador da segunda de suas aventuras, *Achados e perdidos*, descreve assim:

O bairro do Peixoto não é propriamente um bairro, mas um enclave em Copacabana, do tamanho de quarteirão grande com uma praça no meio, cercado de morro por três lados menos o voltado na direção do mar. [...] As construções, em sua maioria de três ou quatro pavimentos, são de desenho simples; a variação arquitetônica consiste na presença ou não de varandinhas. Raros edifícios têm garagem ou elevador. O apartamento de Espinosa, no último andar de um prédio de apenas três pavimentos, tem janelas francesas e balcão de ferro batido com vista para uma pracinha.

Saindo a pé do Peixoto em direção à delegacia, a poucas quadras de seu apartamento, Espinosa traça seus roteiros em que se destacam as Ruas Toneleros e Barata Ribeiro. E a ligação urbana entre a segunda e a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, chamada Galeria Menescal. Uma das primeiras galerias comerciais do país, nascida nos anos 1940, onde o delegado se abastece dos famosos quibes e esfirras que há décadas são incensados na região. E que respondem por um terço de sua dieta, complementada por alguma iguaria alemã e macarrão à bolonhesa.

Cabe aqui um aparte “bossanovístico”. Sim, a Galeria Menescal tem tudo a ver com o compositor Roberto Menescal. Mais exatamente foi construída por seus pais. E já que se fala de bossa-nova, não há como não ressaltar a importância do bairro no movimento musical. Quer seja pelos famosos shows no Beco das Garrafas, quer seja pela famosa Academia de Violão de Menescal e Carlinhos Lyra, ou o emblemático apartamento dos pais de Nara Leão, na Avenida Atlântica, bem em frente ao Posto 4.

De volta às andanças de Espinosa. Ao distrito policial, após uma visita ao sebo próximo, parada quase obrigatória do delegado. Os crimes que chegam à sua mesa podem ser mapeados a partir de importantes referências do bairro. Em *Perseguido*,



A Praça do Lido, na Avenida Atlântica, construída nos anos 1920, tem um passado glamoroso, que o presente insiste negar, com seus pombos perpetuamente aninhados sobre os bustos dos irmãos Bernardelli



de 2003, Letícia, filha de um médico psiquiatra, se apaixona por um ex-paciente de seu pai. Desaparece e passa alguns dias numa casa da Rua Saint Roman. Uma via de belas casas, bem no final do bairro, no encontro entre Copacabana e Ipanema. Detalhada assim pelo narrador:

A Rua Saint Roman é uma grande ladeira em forma de arco na encosta sul do morro do Cantagalo [...]. A rua ainda conserva várias mansões do tempo em que abrigava moradores ricos que preferiam a bela perspectiva aérea do oceano Atlântico ao movimento frenético de Copacabana, logo abaixo. Isso na época em que a favela ainda não tinha conquistado a parte mais alta do morro, a ponto de os barracos se encostarem aos muros dos fundos das grandes casas. [...] Algumas das antigas residências foram ocupadas por novos moradores atraídos pela excelência das construções, enquanto outras foram transformadas em templos religiosos.

É de lá que Letícia contempla uma larga faixa de mar azul, enquanto ouve o burburinho da cidade. O frenesi de Copacabana.

Em outra passagem, Letícia tem um surto e corre nua pela Avenida Atlântica, na altura do Copacabana Palace. O hotel inspirado em seus símiles da Riviera Francesa dispensa apresentações. A poucos

metros dali, porém, ainda resiste a Praça do Lido, que merece um aparte.

Construída nos anos 1920, homônima à famosa ilha veneziana, a praça tem um passado glamoroso, que o presente insiste negar, com seus pombos perpetuamente aninhados sobre os bustos dos irmãos Bernardelli. Por décadas o Lido abrigou um restaurante de mesmo nome, ponto elegante onde era possível dançar ao som das orquestras e brincar nos bailes de Carnaval. Epicentro de uma vida noturna gloriosa que acabou por nomear a região próxima ao Posto 2. Mas o Lido de Espinosa é contemporâneo, além dos imensos pombos acinzentados, é repleto de mendigos e meninos de rua. Parece conter as camadas, os fósseis que contam a história do bairro.

E Espinosa com sua febre de andarilho parece ser o homem certo para investigá-los. Lutando como um Ulisses para se manter atento diante de tantos estímulos. Caminhando, absorve a prática da cidade, as narrativas que tentam formular suas pequenas histórias, que combinadas dão falsa aparência aos dias, embalados pelo esplendor da cidade. Afinal, como diz Garcia-Roza, "A beleza é quase uma doença do Rio". Uma doença que os homens tentam imitar, mas incapazes transformam em equívocos. †